4ª PARTE

INVESTIGAÇÃO

> No início da cultura ocidental, Sócrates, o primeiro filósofo, passeava-se por Atenas à procura de "experts", de modo a elaborar e testar regras. Platão, num dos seus primeiros diálogos, O Euthyphro, narra-nos um destes encontros entre Sócrates e Euthyphro, um profeta religioso, e, portanto, um especialista em comportamento piedoso. Sócrates pede a Euthyphro para lhe dizer como reconhecer a piedade: "Eu quero saber o que é característico da piedade .... para ter um modelo com que julgar as minhas acções e as acções de outros homens". Mas em vez de dar a Sócrates a sua heurística de reconhecimento de piedade, Euthyphro fez exactamente o que todos os *experts* fizeram quando questionados por Sócrates: deu-lhe um exemplo da sua área de especialidade: neste caso, situações do passado em que homens e Deus fizeram coisas que todos consideram piedosas. Sócrates persistiu no diálogo, pedindo para Euthyphro lhe dar as suas regras, mas embora Euthyphro afirmasse que sabia como diferenciar actos piedosos de actos não piedosos, não deu a Sócrates as regras que geravam os seus julgamentos. (Dreyfus & Dreyfus, 1987, p. 19).

Introdução

Ao longo deste trabalho procuramos traçar a evolução dos modelos cognitivos, analisando paralelamente como é que esta evolução se reflectiu na conceptualização e no estudo da depressão.

Do que ficou escrito, salientamos duas ideias basilares. A primeira refere-se ao reconhecimento progressivo da relevância que as perspectivas que atribuem ao homem um papel activo na construção do conhecimento têm para o estudo do ser humano, especialmente a ideia de que este organiza activa e proactivamente a multiplicidade das suas experiências de modo a dar-lhe um significado que permita manter a coerência dos seus processos de identidade. A segunda é que estes significados são construídos através da linguagem, pela organização dos diversos elementos que compõem as experiências, de modo a que todas as partes se liguem de acordo com formas narrativas.

Partindo desta premissa, defendemos que a psicopatologia pode ser compreendida como a manifestação da dificuldade de construir de forma

variada e flexível (sem prejuízo da coerência do sentido de identidade) os episódios múltiplos, e por vezes contraditórios, que caracterizam a nossa existência. É neste contexto que podemos supor que cada uma das psicopatologias será definida por uma forma de construção narrativa que não só é rígida, como é específica e diferenciável em relação a outras psicopatologias, sendo, por isso, possível identificar estas formas de organização para cada psicopatologia. Dito de outro modo, a nossa hipótese é que, devido à diminuição de flexibilidade e diversidade da construção narrativa que caracteriza a psicopatologia, será possível identificar uma forma "protótipo", que é usada repetidamente e que é comum aos sujeitos que partilham uma determinada psicopatologia, sendo esta forma diferente da organização narrativa dos sujeitos com outras psicopatologias.

Esta especificidade em relação às diferentes psicopatologias foi reconhecida desde os modelos cognitivos baseados no processamento da informação, quer quanto aos conteúdos cognitivos (e.g. Beck & Emery, 1985; Beck & Freeman, 1990), quer em relação aos processos cognitivos (e.g. MacLeod, Mathews & Tata, 1986). Autores como Guidano (Guidano & Liotti, 1983, Guidano, 1987, 1991) ou Joyce-Moniz (1993) salientaram ainda o modo como as diferentes psicopatologias se podem diferenciar enquanto formas de organização e construção dos significados.

Como referem Gonçalves, Maia, Alves, Duarte e Henriques (1996), esta ideia é ainda consubstanciada pela proposta de alguns autores, especialmente aqueles que se têm debruçado sobre os processos de desenvolvimento da identidade (enquanto teoria sobre o próprio sujeito, ou *self*) (e.g. Bowlby, 1969; Guidano, 1987, 1991; Harter, 1990, Mahoney, 1991), de que algumas experiências de vida, por serem vividas com muita intensidade e/ou de modo repetido se tornam nucleares, condensando os

elementos que contribuem para a elaboração proactiva de novas experiências num processo contínuo de confirmação. Esta ideia está bem explícita na afirmação de Safran, Segal, Hill e Whiffen (1990) quando afirmam: "A complexidade da situação deriva do facto de as pessoas interagirem com o seu meio de modo que tende a confirmar as suas expectativas" (p. 150), sugerindo então que a investigação sobre estes processos deverá debruçar-se sobre o modo como as pessoas lidam com as suas situações de vida.

Foi nesta linha que a relevância dos estudos laboratoriais baseados no paradigma racionalista de processamento da informação que ocuparam as últimas décadas (estudos esses que fazem uso de instrumentos sofisticados para apresentar material verbal mais ou menos abstracto e descontextualizado), foi substituída pela procura de novas metodologias que possam contribuir para esclarecer aquilo que Lakoff (1987) definiu como "cognição experiencial". Este objectivo dá, assim, resposta às preocupações de vários autores que têm posto em causa a validade ecológica (especialmente na área da psicopatologia) de estudos laboratoriais que seguem os cânones da investigação que foi desenvolvida para estudar seres inanimados (e, portanto, desprovidos de processos subjectivos ou intencionais).

É neste enquadramento teórico que elaboramos a nossa investigação. Especificamente propusemos como objectivo identificar a narrativa protótipo da depressão, a partir da análise do modo como os deprimidos organizam as suas experiências.

Este objectivo exige a combinação de metodologias do tipo qualitativo com metodologias do tipo quantitativo, tendo as primeiras sido

desenvolvidas no sentido de potencializar o estudo das experiências subjectivas que definem a existência humana. No contexto deste trabalho, a realização de um estudo sobre as experiências pessoais consubstanciado numa análise narrativa parece-nos particularmente pertinente, já que na nossa própria revisão dos resultados obtidos no estudo da depressão com recurso ao paradigma experimental verificámos a existência de um padrão que sugeria que só quando o material era pessoalmente relevante era possível fazer uma distinção clara entre sujeitos deprimidos (ou tristes) e sujeitos normais. Parece, portanto, que é com este tipo de material que podemos encontrar um modo de melhor compreender a experiência depressiva.

Em suma, partindo da ideia de que compreender o modo como as pessoas experienciam e dão sentido às suas experiências deverá ocupar um lugar central na psicologia e psicopatologia, e do princípio de que é possível identificar uma narrativa protótipo da depressão, elaborámos um estudo cujo objectivo é a construção da narrativa protótipo das pessoas que sofrem de depressão. Após a identificação desta narrativa, procedemos a três estudos quantitativos que procuraram fazer uma validação desta narrativa.

A associação de estudos do tipo qualitativo com estudos quantitativos tem sido sugerida por alguns autores. Por exemplo, Strauss e Corbin (1990) sugerem que estes últimos devem ser utilizados de modo a validar os resultados (as *teorias*) obtidas a partir da análise qualitativa.

Assim, num primeiro estudo seleccionámos uma amostra de vinte sujeitos clinicamente deprimidos, a quem, após a avaliação de caracterização e diagnóstico, pedimos para lembrar uma experiência inesquecível (narrativa significativa). A partir da transcrição de uma

entrevista de exploração deste episódio, efectuámos uma análise de conteúdo tendo como quadro de referência os elementos da gramática narrativa para pequenas histórias (Mandler, 1984). Das categorias emergentes surgiu uma narrativa protótipo.

O segundo, o terceiro e o quarto estudos foram estudos de validação desta narrativa.

No segundo estudo, de validação convergente, foram seleccionadas duas amostras, uma de trinta e dois deprimidos e outra, equivalente, de sujeitos sem patologia depressiva, tendo sido comparado o grau de relação que cada uma destas amostras estabelecia com a narrativa protótipo da depressão antes construída.

Nos terceiro e quarto estudos, designados por estudos de validação divergente, esta narrativa foi combinada com narrativas protótipo de outras quatro psicopatologias elaboradas segundo a mesma metodologia. No terceiro estudo, estas cinco narrativas foram apresentadas a um grupo de vinte deprimidos de modo a averiguar se esta população seria capaz de diferenciar a narrativa protótipo da depressão das outras narrativas, em termos de grau de identificação com a sua própria vida.

Finalmente, no quarto estudo as cinco narrativas foram apresentadas a um grupo de dez terapeutas de várias orientações teóricas de modo a que, para cada narrativa, indicassem o grau em que ela se poderia relacionar com cada uma das psicopatologias.

São estes estudos que passaremos a descrever.

1º ESTUDO

IDENTIFICAÇÃO DA NARRATIVA PROTÓTIPO DA DEPRESSÃO

Introdução

Tal como ficou expresso na introdução, partimos da hipótese de que será possível identificar uma organização narrativa comum aos sujeitos que partilham determinada psicopatologia e estabelecemos como objectivo deste primeiro estudo a elaboração de uma narrativa protótipo da depressão.

Método

Sujeitos

A definição da amostra obedeceu aos critérios clínicos do DSM-IV para o diagnóstico clínico de depressão maior, a uma distribuição equivalente por ambos os sexos, por três grupos etários e por três níveis sócio-culturais, e ainda a uma avaliação diagnóstica diferencial.

O diagnóstico clínico de depressão maior obedeceu às características definidas pelo DSM-IV tal como apresentadas no capítulo de caracterização da depressão.

De modo a integrar elementos de dois sexos distribuídos por três grupo etários (18-25 anos; 30-40 anos; e 45-55 anos) e três níveis sócio-económicos, planeamos uma amostra de 18 sujeitos.

Para melhor visualização apresentam-se no quadro seguinte as características da amostra quanto ao nível sócio-económico, idade e sexo.

Quadro I
Distribuição da amostra em função da idade, nível sócio-económico e sexo

		IDADE		
		18-25	**30-40**	**45-55**
G. R. F. F. A. R.	**baixo (nível 5)**	1M/1F	1M/1F	1M/1F
	médio (nível 3)	1M/1F	1M/1F	1M/1F
	superior (nível1)	1M/1F	1M/1F	1M/1F

Ao integrar na amostra três grupos etários e três níveis culturais procuramos obter dados que reflectissem as possíveis nuances da vivência depressiva já que, ao optar por uma metodologia de análise qualitativa de narrativas autobiográficas, baseada na linguagem, a restrição da amostra poderia conduzir a algum tipo de viés, quer em relação ao tempo decorrido entre o episódio recordado e o momento presente, quer em termos de complexidade de linguagem.

A amostra definitiva foi ligeiramente alterada em relação ao que foi previamente previsto, uma vez que durante a fase de transcrição das entrevistas uma das cassetes foi extraviada (experiência inesquecível de sujeito do sexo masculino, 45-55 anos, nível superior). Como duas células tinham sido preenchidas com mais de um sujeito (célula sexo feminino, 30-

40 anos, nível médio; e célula sexo feminino, 45-55 anos, nível médio), a amostra definitiva é composta por 12 sujeitos do sexo feminino e 8 do sexo masculino; sendo cinco do nível social superior e nove do médio.

No quadro seguinte são apresentados alguns dados demográficos da amostra, em que se incluem o tempo de evolução do problema e o número de internamentos.

Quadro II
Caracterização da amostra

Sujeito	Sexo	Idade	Nível Soc-ec	Estado civil	Tp evolução doença[1]	Nº intern.
D01	m	25	1	solteiro	0,2	0
D02	f	16	1	solteira	0,2	1
D03	m	40	1	casado	11	2
D04	f	38	1	casada	4	3
D05	f	51	1	casada	0,5	1
D06	m	23	3	solteiro	0,1	1
D07	f	18	3	solteira	0,2	2
D08	m	41	3	casado	3	2
D09	f	37	3	casada	7	2
D10	f	32	3	casada	12	0
D11	m	52	3	casado	2	2
D12	f	47	3	divorciada	9	0
D13	f	47	3	casada	1	0
D14	f	43	3	casada	25	10
D15	m	25	5	solteiro	2	1
D16	f	21	5	solteira	0,1	1
D17	m	35	5	casado	1	2
D18	f	30	5	casada	6	3
D19	m	44	5	casado	4	1
D20	f	45	5	casada	6	2

[1] Em anos.

Só dois dos sujeitos não estavam a fazer medicamentação farmacológica antidepressiva. A terapêutica de alguns incluía ansiolíticos. Alguns dos sujeitos tinham iniciado recentemente psicoterapia.

Os sujeitos foram seleccionados entre os utentes em internamento total ou em hospital de dia da Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade de Coimbra, do Serviço de Psiquiatria do Hospital de S. João, da Casa de Saúde de Nogueiró e de serviços particulares de psicoterapia.

Instrumentos de avaliação[*]

Os sujeitos deste estudo, para além de exibirem um grau de severidade de depressão pelo menos moderado, deveriam excluir o diagnóstico de ansiedade, obsessão-compulsão, alcoolismo ou toxicodependência, bem como sintomatologia psicótica. Neste sentido foram seleccionados instrumentos adequados e definidos critérios de inclusão e exclusão em relação aos resultados obtidos nos diferentes instrumentos.

Assim, e para além de se integrarem no diagnóstico de depressão pelos dados obtidos através de uma entrevista clínica semi-estruturada (versão modificada de ADIS-R de Di Nardo, Barlow, Cerny, Vermilyea, Himadi & Waddel, 1985), deveriam obter uma pontuação igual ou superior a 17 no Inventário de Depressão de Beck. A exclusão de outras problemáticas implicava a obtenção de um valor igual ou inferior a 25 no

[*] Em anexo A inclui-se cópia dos instrumentos utilizados.

Questionário de Medo de Marks, igual ou menor que 10 no questionário Maudsley de Obsessão-compulsão, não revelar sinais de alcoolismo (observação de acordo com a escala LeGô), não ser toxicodependente ou revelar sintomas psicóticos.

No total foram utilizados seis instrumentos, com o objectivo de selecção da amostra. De todos, só a entrevista clínica semi-estruturada (ADIS-R) e a escala de avaliação de dependência alcoólica não são de auto-resposta.

Inventário Depressivo de Beck

(BDI; Beck, Ward, Mendelsohn, Mock & Erbaugh, 1961/versão portuguesa aferida por Vaz Serra e Pio Abreu, 1973a e b).

Trata-se de um inventário de auto-resposta e destina-se a medir a severidade dos sintomas depressivos. É constituído por 21 itens que reflectem 21 diferentes manifestações da depressão e está organizado em seis parâmetros que avaliam sintomas depressivos do tipo afectivo, cognitivo, motivacional, delirante, físico e funcional (sono, apetite, peso e líbido). Cada item consiste em 4 ou 5 afirmações ordenadas segundo a severidade do sintoma. O sujeito deve escolher aquela que considera mais próxima do seu estado actual. Cada alternativa tem um peso que vai de 0 a 3.

Segundo os dados fornecidos por Beck, Ward, Mendelsohn, Mock e Erbaugh (1961), este teste tem uma boa consistência interna e a fidelidade teste reteste é também elevada (Miller & Seligman, 1973). A validade de construto quando correlacionada com a avaliação clínica revelou um valor de 0,72. A validade concorrente é moderada a alta (Beck, 1972).

Este teste foi seleccionado entre os diversos instrumentos existentes por estar aferido para Portugal, ter um leque bastante amplo de itens que cobre a vária sintomatologia depressiva e ter índices de fidelidade e validade razoáveis. A versão utilizada foi a aferida por Vaz Serra e Pio Abreu (1973a e b), onde é sugerido o valor de 12 como ponto de corte acima do qual se estabelece a diferença entre a população normal e deprimida. Gouveia (1990) cita um estudo realizado em 1987 pela equipa de Beck (Kendall & col., 1987) em que se sugerem os seguintes valores de corte: Normal: 0 a 9; Depressões leves: 10 a 20, Disforia: 10 a 17; e Superiores a 17: estados depressivos. Dentro dos estados depressivos, considera-se Depressão moderada de 20-30 e Depressão severa os valores superiores a 30.

O valor de corte utilizado no presente estudo foi 17.

Anxiety Disorders Interview Schedule - Revised

(ADIS-R Di Nardo, Barlow, Cerny, Vermilyea, Himadi & Waddel, 1985/versão traduzida por Gouveia, 1990).

Consiste numa entrevista clínica estruturada, que permite avaliar os sujeitos segundo critérios da DSM-III-R, fornecendo assim um índice de avaliação clínica para o Episódio Depressivo Maior. O objectivo subjacente à sua utilização é fazer uma avaliação clínica complementar à auto-avaliação do sujeito e do seu terapeuta. No nosso caso, utilizámos apenas a parte que diz respeito às doenças afectivas e, dentro destas, a que se debruça sobre o Episódio Depressivo Maior. Basicamente são obtidos dados sobre os períodos de vida em que os sintomas de depressão ocorreram (especialmente os episódios mais graves), os acontecimentos de vida que a ela estiveram associados e o tipo de ajuda a que os sujeitos recorreram.

Questionário de Medos

(Q. M., Marks & Mathews, 1979/ versão portuguesa aferida por Baptista, 1989).

Consiste num questionário de auto-avaliação composto por vinte e quatro itens e destina-se à avaliação da ansiedade fóbica. Fornece oito medidas: índice fóbico principal; índice fóbico global; agorafobia; fobia de sangue; fobia social; evitação total; ansiedade-depressão e pânico.

Um estudo realizado em Portugal (Baptista, 1989) sugere que o Questionário de Medos tem uma boa validade de construto, uma vez que os agorafóbicos obtiveram valores muito mais elevados nas subescalas de agorafobia (95,9% dos agorofóbicos obtêm valores superiores a 25 na subescala de agorafobia). Os índices de fidelidade e sensibilidade à mudança são também bastante aceitáveis.

Para o nosso estudo são considerados os valores de Evitação Total - Et (0-120) composto por 15 itens que cobrem três factores: agorafobia, fobia de sangue e fobia social. O valor de corte considerado foi 25.

Inventário Maudsley de Obsessões e Compulsões

(Hodgson e Rachman, 1977).

Este inventário de auto-avaliação avalia componentes obsessivas e compulsivas ao longo de 30 itens bastante variados que cobrem, entre outros, os rituais de limpeza e de verificação, medo de contaminação e rigidez de pensamento.

O valor de corte utilizado (igual ou inferior a 10) foi definido pela equipa de Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade de Coimbra que está a proceder à sua aferição para Portugal.

Le Gô

Trata-se de uma grelha para despiste de alcoolismo, baseada na observação de sinais exteriores, tremores e distúrbios subjectivos. No âmbito dos sinais exteriores são observados os sinais cardinais da face (aspecto da pele), conjuntivas (cor, brilho e ramificações vasculares) e língua (cor, sulcos, humidade). A avaliação dos tremores é realizada pela observação cuidada ao nível da boca, língua e extremidades (normalmente mãos). Os distúrbios subjectivos, se presentes, são do tipo nervoso, digestivo ou motor. Neste estudo não foram contemplados os últimos itens.

Procedimento

Todos os sujeitos foram avaliados e entrevistados pela autora, em locais com privacidade. Estas entrevistas decorreram quase na totalidade nos gabinetes das instituições em que os sujeitos estavam internados com diagnóstico de depressão, quer em Hospital de Dia, quer em internamento total. Os contactos com cada doente foram realizados normalmente através do médico psiquiatra assistente que fazia a apresentação.

Todos os sujeitos participaram de forma voluntária, podendo interromper a colaboração se o desejassem, o que dois sujeitos, não integrados na amostra, fizeram, quando se sentiram muito comovidos ao

recordar a experiência que consideraram inesquecível. Este era um dos aspectos contemplados no documento de consentimento que formalizava a sua participação (ver anexo B).

Após explicar sucintamente os objectivos do estudo foi esclarecido que o nosso trabalho era independente do acompanhamento que lhes estava a ser proporcionado.

Foram obtidos dados de identificação (anexo C) e de categorização social (anexo D). No sentido de obter informação sobre a categorização social dos sujeitos da amostra, foi utilizado o Graffar (Graffar, 1956)**.** Trata-se de uma escala que permite situar os sujeitos em 5 níveis sócio-económicos, em função de cinco parâmetros: nível profissional, nível de instrução, fontes de rendimento, condições de alojamento e bairro de habitação. Seguiram-se os instrumentos de avaliação para despiste de sintomatologia depressiva, obsessivo-compulsiva, ansiedade e alcoolismo, com os instrumentos antes descritos.

De seguida procedia-se à recolha da narrativa autobiográfica.

Com o objectivo de construção de uma narrativa protótipo para a depressão foi utilizada uma metodologia qualitativa denominada *Grounded-analysis* (Rennie, Phillips & Quartaro, 1988). Esta metodologia permite a construção de uma teoria (neste caso a narrativa protótipo) derivada indutivamente a partir do fenómeno que procura compreender (Strauss & Corbin, 1990).

A construção da teoria obedece a um processo de categorização numa sequência de 5 fases:

1. *Recolha de dados* - compreende a selecção das narrativas pessoais significativas, entrevista e transcrição das entrevistas realizadas;

2. *Categorização* - compreende a análise das narrativas pessoais significativas segundo a estrutura da gramática narrativa (Mandler, 1984);

3. *Memoing* - compreende a codificação e análise das narrativas pessoais significativas em categorias emergentes;

4. *Parcimónia* - compreende a organização hierárquica das categorias emergentes com a identificação das categorias que são centrais;

5. *Construção da teoria* - compreende a construção da narrativa protótipo com base na categorização efectuada.

1. Recolha de dados

A recolha das narrativas autobiográficas significativas foi feita através de uma versão modificada da "Unforgettable Experience Recall" de Weinstein e Alshuler (1985), adaptada por Gonçalves (1990) (ver anexo E).

Trata-se de uma entrevista estruturada que compreende duas partes distintas: a primeira parte consiste na recordação da experiência e a segunda na entrevista para exploração dessa experiência.

1ª parte: Recordação da experiência

A - Introdução. Na introdução é explicado ao sujeito o processo a seguir para a recordação da experiência inesquecível.

B - Indução de relaxamento. A indução pretende levar o sujeito a um estado de descontracção e relaxamento que facilite os processos de recordação.

C - Regressão temporal. O objectivo é fazer com que o sujeito seja capaz de recordar o maior número possível de experiências significativas, próximas e distantes.

D - Selecção da experiência. A selecção de uma experiência permite a identificação e desenvolvimento da experiência a ser tratada no decurso da entrevista.

2ª parte: Entrevista clínica

A - Identificação da experiência. Este primeiro momento tem como objectivo a transição com o "aqui e agora" da entrevista e assegurar a selecção de uma experiência concreta.

B - Concretização da experiência. O objectivo da concretização é levar o sujeito a identificar e descrever os detalhes concretos da experiência seleccionada.

C - Exploração de respostas internas emocionais. Nesta fase identifica-se as respostas emocionais do sujeito.

D - Exploração de respostas internas cognitivas. Nesta fase identifica-se os pensamentos associados à situação.

E - Finalização - Tem como objectivo obter comentários e opiniões adicionais e assegurar a transição entre o ambiente intenso da entrevista e a vida do sujeito.

2. Categorização

Esta fase implica a transcrição das entrevistas e a sua análise de acordo com a estrutura da gramática narrativa para pequenas histórias (Mandler, 1984). Esta análise compreende a organização da informação em sete categorias:

A - Contexto: Fornece informação sobre as circunstâncias em que a história decorreu, referindo-se habitualmente aos elementos estáticos da situação. Pode incluir, por exemplo, o local, as personagens envolvidas e a localização temporal, entre outros elementos.

B - Acontecimento precipitante: Inicia os aspectos dinâmicos da narrativa. Representa o acontecimento que determina uma reacção por parte do protagonista.

C - Respostas internas: Consistem no conjunto de respostas cognitivas e emocionais desencadeadas pelo acontecimento precipitante.

D - Objectivo: É também determinado pelo acontecimento precipitante, na sequência das respostas internas.

E - Acções: Têm em vista a realização do objectivo.

F - Resultado: Implica o sucesso ou insucesso das tentativas de realização do objectivo.

G - Finalização: Contém as reacções finais do protagonista e refere-se habitualmente ao significado atribuído ao episódio.

3. Memoing

Nesta fase são identificadas as categorias mais comuns no conjunto das narrativas individuais, relativamente a cada categoria da gramática narrativa.

O processo de identificação de categorias emergentes foi executado no computador com o auxílio do programa Non-numerical Unstructured Data Indexing, Searching and Theorising - Nudist Stand-Alone v. 2. 3. 1. (Richards, Richards, McGalliard & Sharoock, 1992) para Macintosh (anexo F).

Este programa constitui um apoio à investigação do tipo qualitativo, por permitir gerir e organizar os dados. Esta organização decorre

do facto de operar através de dois sistemas que funcionam em paralelo. No primeiro são incluídos todos os elementos da informação a ser sujeita a análise qualitativa ("document index"); enquanto no segundo se podem integrar as ideias, referências, sínteses da informação já analisada, etc. ("index system").

O Nudist permite guardar as categorias criadas (neste casos as sete que constituem a gramática narrativa) e as suas subcategorias sob a forma de árvore, de um modo que é simultaneamente bem estruturado e flexível. Deste modo o processo de construção e elaboração de novas categorias é beneficiado, uma vez que o investigador vai controlando a sua organização, podendo dar origem a novas formas de organizar os dados emergentes e criando assim "teorias" que podem ser testadas. Este fluir de informação está de acordo com os procedimentos base da *grounded theory*, permitindo a sua aplicação com recurso ao computador.

4. Parcimónia

Este passo implica a abstracção de comunalidades entre as categorias emergentes e a sua organização em categorias hierárquicas mais abrangentes. Quando se constata que as categorias emergentes são já concretas e óbvias, pode optar-se pela sua inclusão em categorias hierárquicas superiores.

Neste processo de organização é importante manter uma boa sensibilidade teórica quanto ao conhecimento do fenómeno a estudar, procurando, num processo de construção activa, encontrar a formas de melhor sistematizar de modo compreensivo todo o processo de análise (Strauss & Corbin, 1990).

Este processo de organização hierárquica foi também executado com o auxílio do programa Nudist Stand-Alone v. 2.3.1. para Macintosh.[2]

5. Construção da teoria

A construção da teoria representa o passo final do processo de investigação qualitativa, implicando a transformação dos discursos dos sujeitos envolvidos no estudo numa construção que capte essa totalidade. No caso do presente estudo, ela envolveu a construção de uma narrativa protótipo que integra as sete categorias gramaticais, partindo das categorias hierárquicas identificadas.

O auditor desempenha ao longo deste processo um papel essencial, por fornecer uma oportunidade para aferir as escolhas que as análises qualitativas como a realizada envolvem. Este papel exige, não só uma preparação teórica na área, como uma grande sensibilidade aos fenómenos em estudo. Neste caso o auditor foi o orientador deste trabalho, sendo com ele discutidos todos os passos envolvidos nas fases de categorização, memoing e parcimónia. A sua colaboração foi ainda mais preciosa na fase de construção da teoria, procurando-se deste modo assegurar que a narrativa obtida pudesse transmitir o máximo de verosimilhança com os dados.

[2] Problemas ocorridos posteriormente com o computador onde a análise foi realizada impedem a apresentação destes dados.

Resultados

No quadro seguinte incluimos informação relativa aos instrumentos de avaliação

Quadro III
Valores obtidos pelos sujeitos da amostra nos vários instrumentos de avaliação

Sujeitos	BDI	Q.M.	M. Moc	LEGÔ
D01	33	11	10	0
D02	20	3	1	0
D03	25	13	16	0
D04	40	56[3]	4	0
D05	16	18	6	0
D06	9[4]	2	10	0
D07	50	24	2	0
D08	40	21	6	0
D09	25	12	3	0
D10	27	8	6	0
D11	17	5	8	0
D12	34	16	5	0
D13	18	14	9	0
D14	33	16	8	0
D15	27	25	9	0
D16	30	22	7	0
D17	45	24	9	0
D18	41	25	9	0
D19	32	22	2	0
D20	52	24	4	0

Tal como foi anteriormente referido, após a realização das entrevistas com vista à recordação de uma experiência inesquecível

[3] Apesar deste valor na escala de medo, o sujeito descreve-se como uma pessoa sem medos/fobias. Este valor deve-se à utilização de critérios muito próprios, em que qualquer mal estar foi muito valorizado.

[4] O sujeito, com um internamento de uma semana, escolheu itens que revelam que se sentia muito melhor do que algum tempo atrás. A entrevista clínica sugere que continua deprimido (embora com menos gravidade do que quando foi internado).

procedeu-se à transcrição destas narrativas para análise. A partir da transcrição, cada uma destas narrativas foi categorizada e analisada de acordo com as sete categorias da gramática narrativa. Assim, para cada narrativa pessoal foi determinado o contexto, acontecimento precipitante, objectivo, respostas internas, acções, resultado e finalização.

A primeira constatação ao fazer a análise das entrevistas foi de que o tempo decorrido entre o episódio recordado e o momento actual foi em geral muito longo (cerca de quinze anos).

Quadro IV
Tempo decorrido entre experiência recordada e momento da entrevista

Sujeito	Idade actual	Idade experiência	tempo decorrido (anos)
D01	25	20	5
D02	16	2	14
D03	40	18	22
D04	38	26	12
D05	51	49	2
D06	23	11	12
D07	18	17	1
D08	41	40	1
D09	33	12	25
D10	32	10	22
D11	52	20	32
D12	52	43	9
D13	47	9	38
D14	43	12	31
D15	25	5	20
D16	21	21	0
D17	35	7	28
D18	30	12	18
D19	44	36	8
D20	45	43	2

Cada narrativa foi identificada com um código (Dep - 01; Dep - 02; ...) a fim de garantir o anonimato dos participantes. A categorização das narrativas é apresentada nas páginas que se seguem. (A transcrição das

entrevistas completas não é apresentada, de modo a preservar o anonimato dos protagonistas).

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA DEP01

J.C. apresenta uma narrativa sobre uma situação em que a rapariga por quem recentemente se apaixonara e com quem passara a tarde do dia anterior se aproxima, apoia-se no seu braço colocando a mão na sua face e diz "Tu és aquilo que eu sempre sonhei". O sujeito fica extremamente feliz, sentindo que a vida é algo de maravilhoso. Incapaz de a abraçar, tenta devolver-lhe no olhar tudo o que sente por ela. Este momento é para ele extremamente importante e apesar da separação desta rapariga por quem continua apaixonado, teme que, se casar com outra pessoa, no fim da vida este momento volte e verifique que a vida foi um erro porque deveria ter esperado por esta.

contexto - átrio da faculdade num dia de verão. Sozinho, com várias pessoas a passarem à volta

precipitante - uma rapariga que tinha conhecido recentemente e por quem estava apaixonado aparece de repente e diz "Tu és aquilo com que eu sempre sonhei"

resposta interna - sentiu-se o homem mais feliz do mundo, a abrir-se por dentro, sentiu vontade de chorar de alegria, de a abraçar, pensou que era um felizardo, que tinha encontrado a mulher dos seus sonhos, que era super feliz e podia tudo. Teve vontade de a abraçar, de a beijar, mas não conseguiu porque era incapaz de o fazer publicamente

objectivo - ser capaz de lhe mostrar com o olhar o quanto a amava

acção - paralisado, tentando mostrar-lhe com o olhar o quanto a amava

resultado - ela pegou-lhe no braço esquerdo e foram dar uma volta pela faculdade

fim - começaram a namorar, embora sempre com grandes problemas com o relacionamento físico, o que terá contribuído para o rompimento por parte dela do noivado um mês antes do casamento

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP02

J. apresenta uma narrativa sobre uma situação que se passou quando tinha 4 anos de idade e participava numa festa de fim de ano do *ballet*. A sua actuação terminava com cada menina a tirar para a plateia uma flor, que J. desejou que atingisse a mãe. Essa flor cai na mão da mãe de outra menina o que a deixa extremamente triste e revoltada, saindo do palco a chorar e a pensar que a mãe estava sempre demasiado longe dela e ela nunca tinha a certeza se a mãe a estava a ver, o que permanece até hoje. A tentativa de suicídio que fez recentemente é a última tentativa de "chegar aos pais"

contexto - quatro anos de idade, festa de fim de ano de *ballet* numa sala de espectáculos; a actuação terminava com todas as meninas a atirarem uma flor para a plateia

precipitante - a actuação do seu grupo de *ballet* termina com cada menina a atirar uma flor para a plateia. A flor que J. atira para a plateia e que queria que chegasse aos pais foi apanhada pela mãe de outra menina

resposta interna - sentiu-se muito triste por a mãe não ter apanhado a flor e revoltada por ter sido aquela senhora.

objectivo - tentar chegar aos pais para sentir que eles a estavam a ver

acção - atira a flor com muita força tentando chegar aos pais

resultado -sai do palco a chorar e sem querer ver ninguém, muito triste e revoltada. Durante anos não participa em festas de fim de ano.

fim - uma sensação de que os pais nunca a viram, que nunca conseguiu chegar-lhes, e que permanece até hoje

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP03

A.H. apresenta uma narrativa sobre uma situação que ocorre durante o primeiro ano da faculdade quando estava a viver num quarto de estudante e durante a preparação dos exames finais. Após ler repetidamente os apontamentos que não percebe, começa a antecipar que não será capaz de fazer a cadeira com sucesso, e a imaginar como daria essa notícia ao pai. O medo do fracasso leva-o a pensar em desistir, ir dizer ao pai que o pode põr a trabalhar porque ele não consegue, mas finalmente acaba por estudar e tirar uma das melhores notas. Considera esta experiência bastante marcante porque foi aquela em que a tensão mais esteve presente e a partir daí tudo na sua vida tem sido feito sob esta tensão de não poder falhar

contexto - quarto de estudante na faculdade, dias antes dos exames, a estudar uma disciplina que não compreendia

precipitante - estava a ler repetidamente quando começa a pensar que não será capaz de fazer a cadeira

resposta interna - sentimento de incapacidade para compreender a disciplina, antecipação da incapacidade de ter sucesso no exame e de corresponder às expectativas que a família, especialmente o pai, tinha dele

objectivo - ser capaz de passar no exame/ enfrentar o pai no caso de ter fracasso

acção - paralisado, depois levantou-se com vontade de abandonar, tentando desistir para não falhar. Acaba por estudar

resultado - acabou por estudar e tirar uma das melhores notas

fim - ficou para sempre a atribuir um grande tensão às situações, sempre a pensar que não pode falhar

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP04

A. selecciona uma narrativa sobre um momento perfeito na praia, quando estava com os dois filhos muito pequenos e o marido. A. recorda o modo como o filho mais novo, de 10 meses, gatinha rapidamente para o mar, o que para ela significa bem a confiança com que ele enfrentava as coisas, e a beleza e agilidade do seu corpo e o dos filhos muito bronzeados ao sol, comparando-os com o peso que sente agora, que pesa mais 14 quilos e que a relação com o marido tem vindo a degradar-se

contexto - 26 anos, com o marido e os filhos muito pequenos num fim de tarde num dia de verão muito agradável, na praia

precipitante - o filho mais novo, de 10 meses, avança para a água a gatinhar

resposta interna - sentiu que o filho estava bem, muito bonito, a avançar cheio de confiança para o mar. Pensou que tinha ali uma verdadeira família, com tudo para ser feliz

objectivo - pegar no filho/construir uma família feliz

acção - levanta-se agilmente para ir buscar a criança

resultado - havia tudo para ser feliz

fim - Esta situação é ilustradora porque esta imagem contrasta com aquilo que tem vindo a ser a vida de A. Neste momento a família parecia ter ali todos os ingredientes para ser feliz, o que tem vindo a ser substituído por uma relação com o marido que é cada vez mais distante, e uma desvalorização de si própria e do seu trabalho

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP05

A.S. selecciona uma narrativa sobre o momento em que recebe a notícia que a análise de um sinal que tinha nas costas revelava existência de melanoma. Relata a tristeza e revolta que sentiu, bem como a sua percepção de proximidade do marido que lhe dá a notícia com lágrimas nos olhos. Acaba por aceitar o tratamento, sentindo-se, no entanto, muito fragilizada

contexto - Em casa, no fim de almoço, já pronta para sair com o marido

precipitante - O telefone toca e o médico que a tinha operado a um sinal pede-lhe para chamar o marido, avisando-o que era maligno. Ela apercebe-se durante o telefonema que há algo grave e depois o marido dá-lhe a notícia, tentando animá-la dizendo que era curável

resposta interna - fica muito triste e revoltada e muito próxima e com pena do marido que lhe dá a notícia com lágrimas nos olhos. Pensa que já tinha passado por muitos sofrimentos, acompanhou as pessoas que precisaram dela, e agora que parecia estarem bem acontece isto. Pensa nas pessoas de família que tinham falecido com cancro, no sofrimento a que tinha assistido. Revoltada e culpabilizada por não se ter queixado ao médico mais cedo

objectivo - 1º tentar compreender o que o médico estava a dizer ao marido. Tentar aceitar a doença e os tratamentos

acção - chora

resultado - é operada e faz quimioterapia, faz exames regularmente

fim - Sente-se fragilizada e teme voltar ao trabalho, comparando-se com a sua chefe, que apesar da mesmo idade ainda está cheia de genica

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP06

O sujeito apresenta uma narrativa sobre a morte de um irmão de 29 anos com quem tinha vivido e a quem considerava como pai. Nesse dia, e ao chegar a casa, encontra a mãe vestida de preto e com olhos de chorar, e o pai conta-lhe que o irmão tinha falecido ao cair de um poste de alta tensão quando trabalhava junto do pai e após se ter oferecido para subir na vez do pai. O sujeito fica muito triste e revoltado, batendo no beliche e não querendo ver ninguém, não acreditando que possa ser verdade

contexto - 12 anos, entrada da casa do pais e quarto

precipitante - estava a chegar a casa da escola secundária quando vê a mãe de preto e com olhos de chorar. O pai chama-o ao quarto e conta-lhe como o irmão de 29 anos com quem tinha vivido falecera ao lado do pai ao subir um poste de alta tensão

resposta interna - fica muito triste e revoltado, pensa que estão a brincar com ele, que não é verdade. Pensa que perdeu um irmão que era também pai dele e um grande amigo. Chega a pensar "antes fosse o meu pai"

objectivo - acreditar que era mentira, tentar aceitar a verdade

acção - chora, dá pontapés no beliche e na parede, dizendo que não podia ser. Pede ao pai para sair do quarto onde fica isolado 3 ou 4 horas

resultado - durante dias quase não comeu e durante meses foi uma criança diferente, triste e sem vontade de brincar

fim - Tem muitas saudades do irmão, indo frequentemente com a mãe à campa para a enfeitar. Pensa muitas vezes nele, e estava a pensar nele quando recentemente, e após chegar a casa à noite e aparentemente sem qualquer problema, engoliu todos os comprimidos de uma caixa após olhar para uma fotografia dele. Acha que se o irmão fosse vivo as coisas eram diferentes.

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP07

O sujeito apresenta uma narrativa do momento em que teve relações pela primeira vez com o namorado. Isso aconteceu no dia de aniversário dele e basicamente com duas emoções diferentes: o medo de ser descoberta ou que acontecesse algo como uma gravidez, e o prazer que estava a dar/receber. É um momento que recorda como tendo sido bom, apesar dos projectos que elaboraram no fim fazerem parte de um sonho que "foi pela água abaixo"

contexto - com o namorado, num quarto de residencial, numa tarde

precipitante - era dia de aniversário do namorado e decidem ir para uma residencial para ter pela primeira vez relações sexuais

resposta interna - medo de ser apanhada ou que lhe aconteça algo desagradável, como engravidar, muito feliz, com dor e prazer, feliz a fazer os projectos para o futuro

objectivo - dar/sentir prazer, fazer as coisas como devia

acção - entrar na residencial e depois no quarto. Movimentos da relação sexual, deitada a olhar para o tecto a ver o "filme" da sua vida

resultado - sentiu-se mais próxima do namorado, que considerou que ela lhe deu a maior prova de amor

fim - actualmente os sonhos dela foram todos "por água abaixo", os planos que realizaram enquanto estavam deitados não se realizaram porque se zangaram. Ela tem feito algumas ingestões de misturas de álcool com medicamentos, e recorda como experiência igualmente marcante o dia em que ele foi a casa dela para lhe dizer que não dava

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP08

O sujeito apresenta a narrativa do momento em que a ideia de suicídio se tornou mais forte ao voltar para casa depois de ter ido tentar resolver, sem conseguir, um problema de falta de pagamentos à sua empresa. Sentindo-se incapaz de resolver os problemas e de levar a empresa para a frente, pára o carro onde fica parado seis horas ponderando as alternativas de suicídio. Finalmente, aparece a esposa no carro com uma amiga e volta para casa, sendo internado pouco tempo depois

contexto - sozinho dentro do carro durante cerca de seis horas, próximo de umas casas, a muitos quilómetros de casa

precipitante - está a voltar de uma viagem, em que tinha ido tentar resolver um problema de falta de pagamentos da sua empresa de construção

resposta interna - a pensar nos negócios da empresa, considerando os problemas financeiros (que não eram graves) insolúveis. Entre a decisão de se matar ou não matar, ponderando as diferentes formas de o fazer

objectivo - obter o pagamento

acção - paralisado dentro do carro, incapaz de conduzir e andar para a frente

resultado - a esposa aparece de carro com uma amiga e vem com ele até casa enquanto a amiga segue atrás. Começa a pensar sempre nos mesmos problemas, sentindo-se incapaz de conduzir a empresa, deixa de ir às obras e abandona quase tudo até ser internado

fim - este episódio é considerado muito importante porque foi a primeira vez que pensou de uma forma tão séria no suicídio, embora actualmente considere que não havia motivos para isso porque a empresa não estava tão mal como isso, não tinha salários em atraso e é natural a quem tem um negócio destes dever algum dinheiro, tanto mais que à vezes, como desta vez, os outros não cumprem com os pagamentos. Explica pelo cansaço, pois há muitos anos que trabalhava desde as 7 à meia noite

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP09

A. D. recorda o momento em que descobre que a mãe tem uma relação com outro homem, ao ver o caseiro esgueirar-se da sua casa. A partir daí viveu revoltada por esta situação que se manteve, sentindo-se incapaz de partilhar com alguém com medo que o pai, que tinha emigrado e que era muito violento, um dia descobrisse. Acabou por a partilhar com um sujeito que gostava dela, e a revelação deste segredo constitui a causa do seu casamento com o actual marido por quem nunca se sentiu apaixonada. A. C. relaciona esta vivência com outras particularmente dolorosas da sua vida, nomeadamente o facto de ter sido uma filha indesejada e "causadora", por esse facto, da infelicidade da mãe (e talvez do pai); a forma como o pai a tratava e as dificuldades que tem vivido após o casamento

contexto - cozinha da casa da mãe. A narrativa prossegue por espaços mal definidos

precipitante - ao ir a casa num domingo à tarde vê uma figura masculina que identifica como sendo o caseiro e vizinho a esgueirar-se por uma porta, enquanto a mãe aparece aflita na cozinha

resposta interna - raiva, ódio do homem que lhe estava a fazer mal, a roubar a mãe. Pensava que ele era um homem inferior à mãe e não tinha direito de estar com ela. Vontade de o matar

objectivo - tentar manter em segredo para que o pai não soubesse, embora com vontade de partilhar com alguém

acção - manteve-se cerca de 6 anos sem falar com ninguém, embora posteriormente os irmãos se fossem apercebendo. Falou finalmente com um rapaz que conheceu porque este vivia a 40 Km e não iria contar a ninguém

resultado - acabou por casar com este rapaz apesar de não o amar porque ele gostava dela e ela temia que ele pudesse dizer alguma coisa.

fim - grande tensão com medo que o pai, um homem muito agressivo, algum dia descobrisse. Nunca compreendeu nem aceitou esta experiência que considera extremamente marcante e que determinou grande parte da sua

vida. Tal como em relação a este episódio sente, que viveu sempre só, não podendo partilhar com outros os seus problemas

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP10

E. apresenta uma narrativa sobre um momento em que, no colégio onde estava internada, foi acusada injustamente por uma colega mais velha de lhe ter roubado os lápis. E. sentiu-se só e desamparada, vítima de uma injustiça, a desejar a presença da mãe naquele ambiente hostil onde se sentia abandonada

contexto - 5º ano de escolaridade; sala de estudo de uma escola interna católica, grupo de 2 ou 3 amigos

precipitante - uma rapariga mais velha abre a mesa de E. e encontra os seus próprios lápis e acusa M. E. de os tentar roubar

resposta interna - sentir-se vítima de uma injustiça, preocupada; desamparada, a pensar por que é que a rapariga lhe tinha feito isto e a desejar a presença da mãe.

objectivo - ser capaz de compreender o que se estava a passar e provar a sua inocência

acção - paralisada, tentando defender-se

resultado - A freira presente terminou a situação diminuindo a importância do problema; ela foi incapaz de provar a sua inocência; chora quando fica só com as amigas

fim - uma sensação de abandono e a ira de uma escola como esta

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP11

F. apresenta a narrativa do momento em que sabe a notícia da morte por acidente de um colega de tropa com quem tinha acabado de almoçar e conversar. Posteriormente, e por não haver caixão, faz guarda de honra ao corpo, sempre angustiado porque sabia da conversa que tinha tido com ele que os pais estariam a chegar para passar férias com o filho já falecido

contexto - Angola, sozinho na mesa tipo café de um quartel, em tarde sossegada de fim de semana. Local onde o corpo estava deitado em cima de uma pedra por falta de caixão

precipitante - poucos minutos antes de se despedir de um colega de tropa, chega um outro colega e diz que tinha havido um acidente com um *jeep* capotado à entrada da vila e que o sujeito que ía lá dentro, o nº xx, tinha falecido

resposta interna - sentiu que a vida era um balão que se podia esvaziar a qualquer momento, que não valia nada

objectivo - tentar compreender a vida e a morte. Esperar que os pais do falecido chegassem

acção - ficou pregado à cadeira, incapaz de se movimentar, posteriormente fez guarda de honra ao corpo

resultado - faz guarda ao corpo

fim - F. considera este episódio muito marcante porque pela primeira vez foi confrontado com a possibilidade de se perder a vida de um momento para o outro. Começou a dar mais valor à vida, menos agarrado às coisas

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP12

M. J. apresenta a narrativa do dia de casamento da filha, no momento em que esta sai de casa e a mãe antecipa os problemas, quer dela própria por ficar sem a filha, quer por a filha ir para longe e não lhe dar assistência, quer porque prevê um mau relacionamento da filha com o marido. Integra acontecimentos posteriores ao dia do casamento e ainda vários episódios do seu relacionamento com a filha e desta com o marido que confirmam as suas antecipações pessimistas

contexto - entrada da porta de casa; igreja; espaço da festa de casamento; locais indefinidos da casa da filha

precipitante - a filha está a sair de casa e ela está a dizer que está muito bonita e a desejar-lhe felicidades. A mãe do noivo recusa ser madrinha. Comentários na festa. Conflitos que tem tido com a filha e esta com o marido

resposta interna - tristeza...nervosismo durante a cerimónia

objectivo - desejar felicidades, colaborar na festa, ajudar a filha

acção - chora, tenta colaborar na festa e manter tudo bem. Colabora com a filha pagando-lhe tudo e dando-lhe prendas

resultado - antecipação dos problemas resultantes do casamento

fim - a filha tem tido os problemas que a mãe antecipou e a mãe sofre muito. Compara este momento de tristeza da saída da filha com a morte dos pais de quem tem muitas saudades

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP13

J. apresenta uma narrativa sobre um episódio que se passou quando tinha cerca de nove anos e dormia no quarto da mãe devido às ausências constantes do pai. Numa noite acordou e percebeu que a mãe estava a ter relações sexuais com um amante, tendo ficado muito quieta para que não percebessem, sentindo uma grande decepção por a pessoa que mais gostava estar a fazer uma coisa que ela considerava errada

contexto - cerca de nove anos, durante a noite, no quarto da mãe onde dormia frequentemente

precipitante - acorda a meio da noite e percebe que a mãe está com um amante

resposta interna - sentiu-se bastante mal, com uma grande decepção em relação à mãe que considerava uma pessoa superior e a quem admirava

objectivo - tentar manter-se quieta para que não percebessem. Posteriormente tentar apagar esta imagem

acção - ficou o mais parada e quieta possível para que não dessem conta que ela estava acordada. Falou com a irmã sobre o assunto

resultado - mudou a forma como passou a olhar a mãe mas nunca lhe disse que se tinha apercebido desta situação. Comentou com a irmã (mais nova) que lhe disse que também já tinha percebido.

fim - este é um episódio que deixou imagens que J. sempre tentou apagar, e mesmo depois de saber posteriormente que o pai também mantinha uma relação de infidelidade com a dama de companhia da senhora de quem era motorista, continuou a achar que isso não justificava que a mãe tivesse feito o mesmo

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP14

M.V. apresenta a narrativa acerca dos momentos que circundaram o seu conhecimento da morte súbita do pai, pessoa de quem se sentia mais próxima e que era para si muito importante[5]

contexto - casa, rua, casa de novo

precipitante - após esperarem o pai em casa, sai com a mãe à procura dele para a rua, onde encontram um tio que diz que o pai teve um acidente. Ao voltar para casa telefona a um irmão que lhe diz imediatamente que o pai morreu.

resposta interna - pressentimento que o tio não estava a dizer a verdade, falta muito grande do pai "como se o mundo acabasse"

objectivo - tentar saber a verdade

acção - ir a casa de uma amiga e vizinha telefonar para o irmão, abraçar-se à amiga, dizer ao tio para contar a verdade à mãe

resultado - só chora ao fim de oito dias quando o médico a manda ler a notícia do acidente violento do pai

fim - M. V. ficou sempre com medo que as pessoas lhe faltem (não faz parte da narrativa, mas contou que sonha frequentemente que os filhos morreram, acorda angustiada e vai ver se eles estão bem)

[5] Não está incluída na entrevista de recordação da exp. inesquecível, mas foi dito durante a entrevista global que a mãe desta senhora durante toda a vida ameaçou suicidar-se acabando por o fazer recentemente em casa desta filha. Quando esta filha tinha dois anos a mãe meteu-se no quarto de banho com ela e abriu o gás para se suicidar e matar a filha

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP15

F. apresenta uma narrativa de uma situação que ocorreu quando tinha cerca de cinco anos e, sozinho, pega fogo a uns fios velhos que estavam pendurados num quarto de arrumos. A aflição e medo que sentiu ao ver que o fogo subia incontrolável tornaram esta experiência inesquecível

contexto - quatro ou cinco anos de idade, a brincar só num quarto de arrumos exterior

precipitante - vê uma corda pendurada e resolve ir à cozinha buscar os fósforos para ver aquilo a arder

resposta interna - grande aflição e medo quando vê que o fogo está a ir por ali acima incontrolável.

objectivo - tentar apagar o fogo

acção - primeiro tenta apagar só e depois chama a mãe para o ajudar a apagar

resultado - apanha uma grande tareia de um dos pais

fim - F. nunca mais se esqueceu desta situação por a aflição que sentiu o ter marcado muito.

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP16

A. P. elabora uma narrativa sobre o furto que um homem de quem gostava (toxicodependente) lhe fez recentemente, de uma certa quantia em dinheiro e de uma fotografia. Isto acontece num local relativamente deserto para onde ele a tinha levado, mas pede-lhe para ir com ela para a cama, a que ela acede e combinam encontrar-se nessa noite, prometendo-lhe devolver o dinheiro e a fotografia. Nessa noite ela chega cinco minutos atrasada e não o vê, o que a leva a pensar que se ele gostasse dela teria esperado

contexto - local escondido numas escadas antigas e casas vazias na cidade. Praça na cidade

precipitante - o homem de quem gosta abre-lhe a carteira, tira-lhe uma fotografia (dele) que ela tinha desde o dezassete anos e que considerava a coisa mais importante que tinha e 10 contos

resposta interna - sentiu-se mal, o coração doeu-lhe, pensou que ele não gostava dela

objectivo - recuperar fotografia e dinheiro/ir para a cama com o namorado

acção - puxa a carteira, à noite corre para chegar à praça onde tinham combinado encontrar-se

resultado - Ele não aparece ao encontro da noite, não lhe dá o dinheiro nem a fotografia e não dormem juntos

fim - A. P. conclui que ele fez isto porque precisa de dinheiro para comprar droga e agora sabe que ele rouba tudo o que pode. Isto aconteceu-lhe por ela ser assim mole e deprimida, relacionando este seu estado com as experiências que viveu com os pais, nomeadamente com o pai, que descreve como muito nervoso e agressivo

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP17

C.A. elabora uma narrativa acerca da morte súbita do pai que ocorreu quando tinha sete anos e o pai estava emigrado em França. A dor associada a este acontecimento prolongou-se até um segundo momento de talvez ainda maior intensidade emocional que ocorreu passados 8 meses, aquando da chegada a Portugal do cadáver que foi mantido debaixo de terra embrulhado em oleado até haver meios para o trazer. O momento da abertura do caixão constituiu um momento extremamente marcante para C. A. que apresenta um conjunto de histórias acerca da sua vivência e da sua mãe de todo este prolongado tempo de luto

contexto - A narrativa ocorre quando C. A. tinha 7 anos, desde um primeiro momento em que está na sala até vários ambientes à volta da aldeia

precipitante - um madeireiro que trabalha lá em casa diz-lhe que o pai já morreu; a mãe chega do campo e abraça-se a ele, a urna chega de França passados 8 meses e é aberta na igreja

resposta interna - começa por não perceber muito bem o significado da morte, muito triste quando a mãe se abraça a ele e à irmã a chorar

objectivo - tentar compreender, ver o pai, ajudar a mãe trabalhando

acção - brinca com um amigo, vai à rua, chora muito e grita quando vê o pai no caixão

resultado - decide trabalhar para ajudar a mãe e não quer estudar. Quando os miúdos na escola lhe fazem qualquer coisa diz-lhes que isso acontece porque ele não tem pai porque se tivesse eles não lhe fariam isso

fim - C.A. diz que este episódio lhe doeu muito e não gosta de o recordar

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP18

R. N. elabora uma narrativa sobre o dia em que o pai se suicidou enforcado numa oliveira de sua casa, validando um pressentimento que tinha há algum tempo devido às conversas que mantinha com o pai e em que ele partilhava com ela a sua angústia

contexto - casa dos pais, trajecto até casa dos tios e olival da casa dos pais

precipitante - não vê o pai na cama e vai procurá-lo. À vinda depara com o pai enforcado numa corda pendurada numa oliveira. Um rapaz em cima da árvore tenta cortar a corda

resposta interna - grande tristeza, vontade de morrer também

objectivo - procurar o pai, ir falar com o juiz para que o pai não fosse autopsiado

acção - procurar o pai, chorar, ir falar com o juiz

resultado - queria morrer também

fim - tem ideias suicidas e às vezes bebe demasiado. Está sempre triste e não gosta de si mesma

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA. - DEP19

A narrativa que N. elabora decorre à volta do falecimento do pai, num dia em que tinham combinado ir juntos à Vila tratar de alguns assuntos. Quando chega a casa do pai este ainda está na cama indisposto e diz que não vai. N. vai sozinho e ao voltar a casa a esposa dá-lhe a notícia que o pai tinha falecido. Ao voltar a casa do pai encontra-o ainda na mesma cama e ao olhar para ele sente uma tristeza que não pode explicar.

contexto - sala de sua casa; quarto e casa dos pais

precipitante - quando chega a casa do pai para ir sair com ele, ele diz que está indisposto e não vai. N. sai, vai à vila e quando volta a casa a mulher diz-lhe que o pai faleceu

resposta interna - muito triste, a pensar que era mentira. Quando o viu pensou nos momentos que tinham tido juntos

objectivo - tentar aceitar a notícia

acção - vai a casa do pai, segue para a vila, volta a casa onde recebe a notícia e vai a casa do pai onde fica paralisado a falar com as pessoas, desanimado da vida

resultado - ficou mais triste

fim - N. acha que este acontecimento foi a pior coisa que lhe aconteceu até hoje, considerando que ficou mais triste depois da morte do pai, especialmente aos domingos, dia em que ainda se lembra mais por ser o dia em que costumava sair com ele

CATEGORIZAÇÃO DA NARRATIVA - DEP 20

A narrativa que L. elabora decorre acerca do suicídio do irmão, que aconteceu há cerca de 2 anos. Após um primeiro momento em que nem acreditava que o irmão com quem tinha estado no dia anterior se tinha suicidado, teve um grande choque ao chegar a casa dele e ao ver que o corpo não tinha cara.

contexto - posto do leite onde teve a notícia, casa do irmão

precipitante - Ao chegar ao posto do leite uma cunhada dá-lhe a notícia que o irmão se tinha matado. Ao chegar a casa dele verifica que no local da cabeça está algodão.

resposta interna - primeiro muito triste, nem queria acreditar. As pernas nem podiam com o corpo, desorientada. Pensou que o irmão lhe fazia falta porque era um dos que mais gostava. Quando o viu ficou chocada, não tem palavras para descrever o que sentiu

objectivo - tentar confirmar a notícia, tentar compreender o que o irmão fez

acção - vai telefonar para confirmar, vai a casa do irmão, fala com o pai

resultado - falta do irmão

fim - L. acha que isto foi a pior coisa que lhe aconteceu até hoje, especialmente o momento em que viu o corpo do irmão sem cabeça e compara esta experiência com o momento em que foi ajudar a transferir os restos mortais da mãe no cemitério e depara com o corpo ainda íntegro e apenas escuro o que a fez pensar que a mãe era uma santa e sentir muita falta dela. Estes são, para L. , os dois momentos mais marcantes da sua vida

Após o processo de recolha de dados e de categorização das narrativas, procedeu-se à organização das categorias emergentes, passando pelas fases de memoing e parcimónia. Nelas são identificadas as categorias mais comuns nas narrativas individuais, abstraindo-se depois as semelhanças entre as categorias emergentes.

O resultado do processo de identificação das categorias emergentes em cada categoria gramatical encontra-se exposto no anexo F. Na totalidade das narrativas foram identificados onze **contextos** diferentes, sendo um deles (espaço interior/casa) comum a dez narrativas. Demos assim origem a uma categoria hierarquicamente superior ou de segunda ordem que resulta da união das categorias emergentes. Este processo foi do mesmo modo aplicado para cada uma das categorias gramaticais.

Quando analisamos os **precipitantes** encontramos dezassete diferentes, podendo encontrar-se dois que são comuns a mais que uma narrativa. Na totalidade de acontecimentos desencadeadores das narrativas, um grupo de treze, destaca-se porque pode ser globalmente entendido como situações de perda ou decepção.

A análise da categoria **objectivo** revelou que havia um conjunto de seis que poderiam ser englobados numa categoria emergente superiormente, enquanto os restantes eram excessivamente dispersos para poderem ser agrupados tematicamente. Assim foi criada a categoria compreender/aceitar a situação que engloba aquele grupo que se destacou.

É na categoria gramatical de **respostas internas** que podemos encontrar, tal como seria esperado, a maior diversidade de categorias. Das cinquenta e três identificadas, ressalta imediatamente a predominância de respostas do tipo negativo (quarenta e quatro no total). Visando a construção

de categorias hierárquicas cada vez mais abrangentes, tentámos organizar estas respostas atendendo às emoções predominantes, emergindo assim um grande grupo relacionado com a tristeza e um mais pequeno que identificámos como estando relacionado com a revolta. A incredulidade estava também presente em algumas narrativas e sintetizava o significado de outras, pelo que foi também incluída.

Em relação à **acção**, a categoria hierárquica emergente do tipo paralisia/isolamento/choro que foi criada resultou do agrupamento de, por um lado, dez categorias no sentido da paralisia e isolamento e, por outro, de sete em que o choro estava presente. Foram assim integradas dezassete das vinte e nove categorias que faziam parte da categoria gramatical "acção".

Quando nos debruçámos sobre os **resultados** verificámos que em cerca de metade das narrativas o desfecho da história era a prostração e o abandono em relação a alguns aspectos da vida anterior. A categoria criada prostração/abandono engloba, por isso dez categorias emergentes.

Em relação ao **fim**, ou seja, o significado que é possível extrair do enredo, quase todos os protagonistas vivenciaram esta situação como um momento a partir do qual a sua capacidade de lidar com a vida sofreu um rude golpe. A categoria hierárquica criada, fragilidade, remete para essa sensação comum a dezasseis narrativas.

Estavam assim criadas as sete categorias da gramática narrativa necessárias à construção da narrativa protótipo:

contexto - espaço interior - casa
precipitante - perda - decepção
resposta interna - incredulidade - tristeza - revolta
objectivo - compreender - aceitar a situação
acção - paralisia - isolamento - choro

resultado - prostração - abandono
fim - fragilidade

A partir destas dimensões foi construída uma narrativa protótipo que apresentamos a seguir

Narrativa Protótipo

A notícia foi-me dada inesperadamente quando estava em casa. Essa pessoa tinha acabado de morrer. Assaltou-me um sentimento de incredulidade. Não poderia ser verdade o que acabava de ouvir. Quando lá cheguei percebi que era de facto verdade. Fiquei paralisado a procurar perceber o que se estava a passar, tentando a todo o custo aceitar a notícia. Comecei então a sentir uma profunda tristeza acompanhada de uma grande revolta. Foi então que decidi ficar sozinho e comecei a chorar. Estava só, triste e também revoltado. Não me apetecia fazer nada, mas simplesmente ficar sozinho na minha tristeza a procurar aceitar e compreender a situação. Fiquei com a sensação de que o mundo desabava sobre mim deixando-me apertado contra mim próprio, incapaz de dar um passo que fosse. Desde esse momento senti-me mais e mais frágil para enfrentar o mundo, com uma grande vontade de desaparecer.

Os elementos da narrativa protótipo contemplados em cada uma das sete categorias são os seguintes:

contexto - espaço interior - casa

A notícia foi-me dada inesperadamente quando eu estava em casa.

precipitante - perda - decepção
essa pessoa tinha acabado de morrer

resposta interna - incredulidade - tristeza - revolta
Assaltou-me um sentimento de incredulidade
Não podia ser verdade o que acabava de ouvir
Comecei então a sentir uma profunda tristeza acompanhada de uma grande revolta
Estava só, triste e também revoltado

objectivo - compreender - aceitar a situação
Quando lá cheguei compreendi que de facto era verdade
... a procurar perceber o que se estava a passar, tentando a todo o custo aceitar a notícia
... a procurar aceitar e compreender a situação

acção - paralisia - isolamento - choro
Foi então que decidi ficar sozinho e comecei a chorar
...mas simplesmente ficar sozinho na minha tristeza
incapaz de dar um passo que fosse

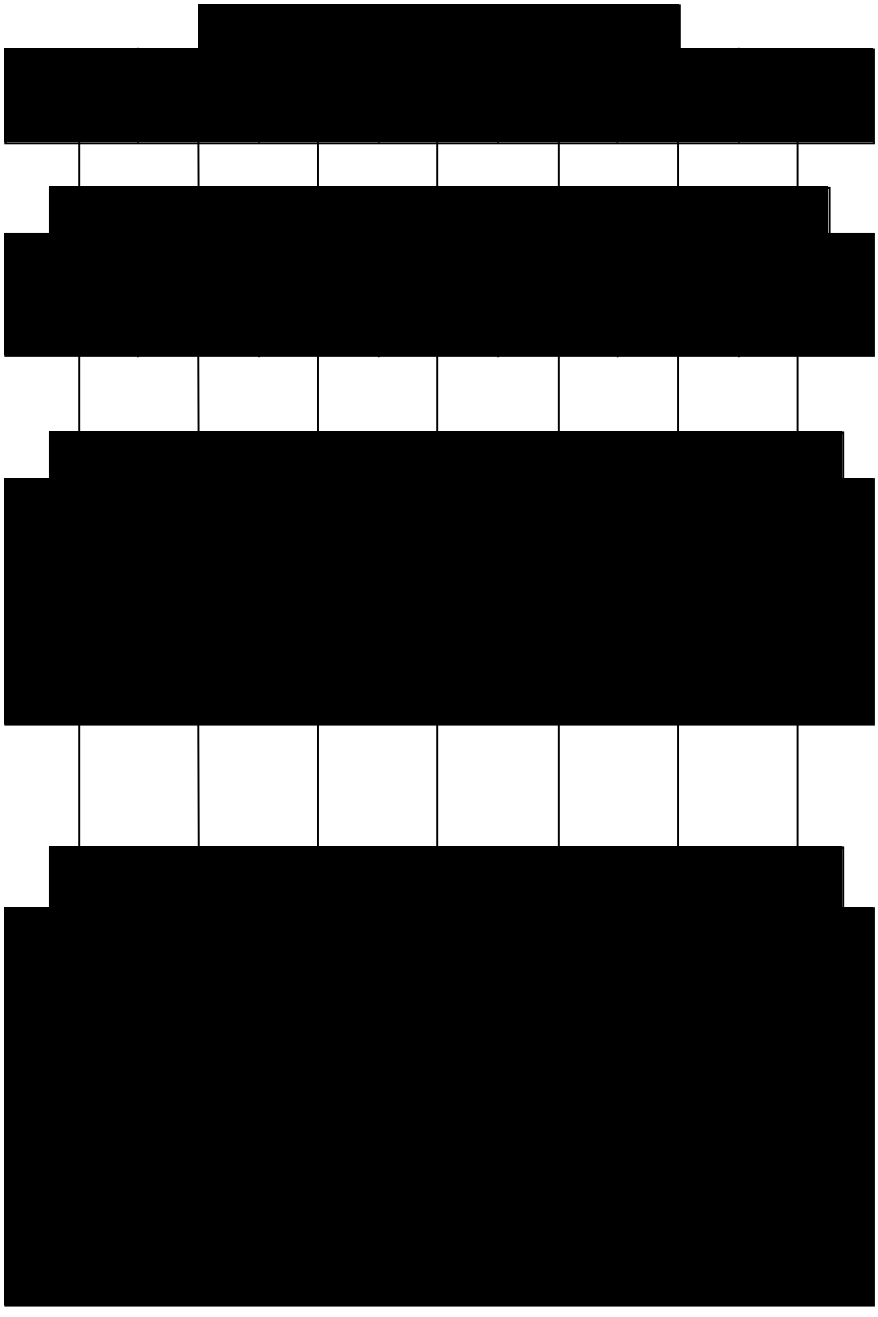
resultado - prostração - abandono
Não me apetecia fazer nada...
fiquei com a sensação de que o mundo desabava sobre mim deixando-me apertado contra mim próprio,
com uma grande vontade de desaparecer

fim - fragilidade
desde esse momento senti-me mais e mais frágil para enfrentar o mundo.

Na figura que apresentamos a seguir estão representados os resultados dos diferentes níveis de análise na construção da narrativa protótipo da depressão.

Figura 1

Dimensões e elementos de significado na narrativa protótipo da depressão.



Conclusão

Tal como tínhamos suposto, foi possível, através da metodologia escolhida, a identificação de uma narrativa protótipo da psicopatologia em estudo: a depressão.

Antes de procedermos à reflexão sobre esta narrativa, parece-nos relevante salientar que ela foi elaborada a partir da recordação de acontecimentos que ocorreram, em média, há quinze anos (note-se que, dos vinte episódios, apenas quatro aconteceram há menos de 5 anos, tendo 12 ocorrido há mais de dez anos - cf. quadro IV). Atendendo ao intervalo de tempo decorrido entre o momento em que aconteceu o episódio seleccionado e o momento da recordação, podemos concluir que o material a partir do qual este estudo foi elaborado não pode ser interpretado como narrativas que reportam a acontecimentos precipitantes do episódio depressivo em curso, mas antes a uma história de vida que, assumimos, se destacou entre outras histórias igualmente recordadas pelo sujeito ao longo da primeira fase da entrevista por ter um significado especial para o sujeito.

Escrevemos anteriormente que a concepção narrativa do conhecimento assume que o ser humano organiza as suas experiências e dá-lhes significado de modo que elas possam ser organizadas de acordo com um sentido de coerência e continuidade pessoal. Defendemos igualmente que na psicopatologia esta construção é limitada e repetida, sendo portanto os episódios organizados sob formas narrativas redundantes.

Nesta perspectiva os episódios recordados serão aqui conceptualizados como “bons exemplos” ou protótipos do modo como as experiências significativas são organizadas.

A concepção de que organizamos a nossa experiência a partir de membros da categoria que ocupam lugares centrais está na linha dos modelos sobre a categorização iniciada por Rosch (1973, 1978). O trabalho de Rosch tornou-se uma referência pioneira na psicologia cognitiva ao pôr em causa os modelos clássicos sobre categorização que assumiam que o ser humano organiza os acontecimentos e conceitos pela abstracção de características comuns. Pelo contrário, e como Lakoff (1987) salienta, o nosso pensamento não manipula símbolos abstractos, mas

> a categorização humana é essencialmente uma questão quer de experiência quer de imaginação humanas - de percepção, actividade motora e cultura por um lado, e de metáfora, metonímia, e imaginação mental por outro. (p. 8)

Ou seja, vários autores têm vindo a defender que organizamos o nosso mundo por referência a um membro que melhor representa determinada classe, sendo acontecimentos futuros classificados e organizados por referência a esse membro protótipo. Partindo desta teoria, podemos concluir que certas narrativas ou histórias tornar-se-ão elas próprias "melhores exemplos" (cf. Gonçalves, Korman & Angus, no prelo).

Esta ideia é de algum modo a oposta à sugestão por alguns autores de que a organização das experiências significativas se dariam não por referência a acontecimentos específicos, mas pela abstracção das suas características até chegar a um modelo "esquemático".

O modelo de esquema interpessoal de Safran (1990a e b), por exemplo, é definido como uma representação cognitiva genérica das interacções eu-outro. Esta ideia é semelhante ao modelo de trabalho interno desenvolvido por Bowlby (1969) para referir a teoria pessoal elaborada a

partir das interacções de vinculação e à proposta de Stern (1985) de que as crianças abstraem as principais características das suas interacções repetidas com a mãe de modo a elaborar um modelo dessa relação. Do mesmo modo Teasdale e Barnard (1993) sugerem a existência de "modelos esquemáticos da experiência" que são definidos como entidades mentais que correspondem a "regularidades de alto nível no mundo, no corpo e na mente", construídas a partir de "padrões prototípicos que ocorrem ao longo de todos os códigos e que são extraídos, integrados e representados como padrões de código implicativo (p. 54).

Em suma, nestes trabalhos é sugerido que existe uma organização das situações num nível mais elevado de abstracção, sendo nesse nível representado um modelo ou "esquema" (Safran, 1990 a).

Embora reconheçamos a importância de salientar a existência de diferentes níveis de organização do conhecimento, bem como o papel da activação automática e inconsciente desses conteúdos, a ideia que está presente neste trabalho é a da centralidade de acontecimentos específicos, ocorridos num contexto determinado e inseparável das experiências corporais, cognitivas e emocionais que compõem a totalidade com que as experiências concretas ganham sentido para o sujeito.

Passemos então a reflectir sobre o conteúdo da narrativa protótipo da depressão.

Esta narrativa revela que a experiência de perda constitui um episódio fundamental na organização depressiva, o que está de acordo com quase todos os modelos de depressão.

Na verdade, quer os modelos psicanalíticos (e.g. Freud, 1917), quer os modelos das relações objectais (Bowlby, 1969), apontam a perda como

uma vivência fundamental, a partir da qual se estruturam algumas das respostas fisiológicas, motóricas, cognitivas e emocionais que definem a fenomenologia da depressão.

Dentro dos modelos cognitivos, encontramos referência à relação entre depressão e perda quer nos trabalhos de autores como Beck (1976) - que relacionou explicitamente a experiência de perda na infância e adolescência com o desenvolvimento de esquemas cognitivos negativos - quer em contributos mais recentes como Guidano (1987, 1991), que relacionou a experiência depressiva com a auto-referência das situações vividas como perdas.

Saliente-se, no entanto, que alguns autores têm diferenciado entre mais do que um tipo de depressão, defendendo que a depressão centrada na experiência de perda é apenas um dos tipos possíveis de experiência depressiva. É este o caso de Joyce-Moniz (1993), que procede a uma análise da depressão em função do nível de desenvolvimento sócio-cognitivo, reportando o significado que uma experiência de perda pode assumir aos níveis de significação mais baixos, enquanto são as questões de desvalorização e crítica pessoal que ocupam as preocupações dos sujeitos que atingem os níveis mais elevados. Esta análise está de acordo, tal como Joyce-Moniz (1993) salienta, com o modelo de Kegan (1982) sobre depressão.

Podemos encontrar ainda diferenciação entre depressão relacionada com a experiência de perda e depressão centrada no tema de crítica na divisão estabelecida por Blatt entre depressão anaclítica ou dependente (centrada na perda do objecto); e depressão introjectiva ou autocrítica (centrada na falha ou culpa) (cf. Blatt & Bers, 1993); e ainda na distinção de Hermans e Hermans-Jansen (1995) entre depressão centrada na orientação

para o outro, com significados centrados no outro enquanto objecto perdido; e a depressão centrada no *self* - com avaliação negativa de si mesmo.

Guidano (1987, 1991) ultrapassa esta perspectiva dicotómica, ao defender que a culpa ou a auto-desvalorização que se encontra na depressão são elementos que surgem no processo com que o próprio sujeito dá significado às suas experiências de solidão, contribuindo para a manutenção e organização da coerência da identidade. Ao auto-referir a perda ou abandono através de afirmações autodesvalorizadoras do tipo "abandonam-me porque não tenho valor", o sujeito mantém algum controlo, restringindo o âmbito das vivências negativas.

Em suma, quase todos os autores que se debruçaram sobre a depressão reconheceram que organizar e auto-referir uma experiência significativa de perda é um acontecimento marcante na vida, para a qual alguns sujeitos parecem não encontrar alternativa. E será aqui que poderemos encontrar a diferença entre deprimidos e não deprimidos.

De facto, responder com tristeza a uma perda poderá ser entendido como a resposta etologicamente mais adaptada. A reacção de tristeza pode funcionar como estímulo que despoleta a aproximação de outros membros do grupo, ampliando a possibilidade de se receber o afecto que foi perdido na perda. Neste sentido, a tristeza contém informação sobre o que é importante na vida, mobilizando o sujeito no sentido de alcançar aquilo que perdeu.

Mas a narrativa da depressão sugere que, para além desta reacção emocional de tristeza, o acontecimento de perda é construído pelos deprimidos de uma forma definitiva.

Esta construção pode ser analisada noutras dimensões que se destacam nesta narrativa quanto à acção, ao resultado e ao objectivo, e que se caracterizam pela paralisia, pelo isolamento e pela sensação de fragilidade.

Tal como acontece em relação à perda, também estas características são encontradas em várias descrições da depressão. Por exemplo, o modelo de desânimo aprendido de Seligman e o modelo de desesperança aprendida que emergiu da sua reformulação acentuaram e procuraram explicar este padrão de respostas a partir de variáveis cognitivas, nomeadamente a crença na impossibilidade de alterar as situações negativas.

A dimensão física de paralisia foi directamente abordada no modelo de Teasdale e Barnard (1993), que associaram esta reacção típica da depressão ao facto de os deprimidos terem passado por experiências intensas e repetidas com uma grande saliência das respostas fisiológicas de prostração, que seriam durante os episódios depressivos facilmente activadas devido à relação previamente estabelecida entre os códigos implicativos (relacionados com as emoções e experiências subjectivas) e as dimensões somáticas e viscerais.

Na verdade, na depressão existe uma grande centração no próprio sofrimento, para o qual alguns autores sugerem que pode contribuir o efeito amplamente comprovado da saliência das memórias autobiográficas congruentes com o humor.

Podemos, no entanto, pôr a hipótese de que, sendo a depressão elaborada a partir da emoção de tristeza, e estando esta relacionada com a resposta etologicamente programada de se debruçar sobre si próprio, nesta patologia serão favorecidos os processos de recordação por oposição à abertura para a informação exterior. Este pode ser o processo a partir do qual entram em funcionamento mecanismos cognitivos (por exemplo, memórias de momentos com significados semelhantes) que deste modo se tornam perigosamente auto-reforçados e simultaneamente reforçadores das mesmas sensações físicas, tanto mais que fica diminuída a probabilidade de

o sujeito integrar aspectos do contexto que permanecem em mudança e que poderiam fazer parte da sua experiência.

A elaboração discursiva destas sensações não só reflecte a percepção do sujeito de que está sobrecarregado por elas (observável, por exemplo, nas metáforas de *peso* como as apresentadas por Levitt, Korman & Angus, 1996) como a sensação de ser incapaz de ter controlo sobre elas ou o que lhes deu origem (o que é coerente com os modelos de desânimo aprendido ou as teorias de auto-eficácia).

A paralisia adquire, assim, uma dimensão na depressão que não só é profundamente física e incapacitante, como também directamente relacionada com os conteúdos e processos cognitivos com que os acontecimentos de vida são enfrentados. É neste sentido que encontramos ainda nesta narrativa protótipo da depressão ingredientes para relacionar com a perspectiva dos construtos pessoais. Na verdade, o processo de constrição associado à não construção dos acontecimentos como novos e, portanto, à não invalidação dos sistemas de construtos parece, nesta narrativa, o resultado "normal" da sequência com que os deprimidos elaboram proactivamente a organização dos acontecimentos.

Em síntese, parece-nos fazer todo o sentido pensar que não podemos entender a depressão a partir do que foi perdido ou do acontecimento que constitui a perda, mas a partir da subjectividade da vivência desse acontecimento.

Estamos assim de acordo com as palavras de Connely e Clandinin (1990) quando nos alertam para o perigo da noção de causalidade que se tende a criar entre acontecimentos quando se olha para eles numa sequência temporal.

> Uma sequência de acontecimentos olhada retrospectivamente tem a aparência de causalidade e olhada prospectivamente tem uma aparência de tendência teleológica e intencional para o futuro. Assim, examinados temporalmente, os acontecimentos tendem a parecer relacionados deterministicamente. (Connely & Clandinin, 1990, p.7)

Neste sentido podemos considerar que não será apenas a ocorrência durante a vida de uma experiência de perda que será determinante para que se estruture uma depressão. Embora de facto alguns dados apontem para que uma grande percentagem dos adultos que vivenciam uma depressão tenham perdido um dos pais durante a infância e a adolescência, não é só a perda em si que é determinante para a organização depressiva, mas o contexto de significados em que é organizada e auto-referida. Ela só se torna uma cena nuclear com uma elaboração rígida, concreta e dominante quando é vivida de forma muito intensa num contexto discursivo que não permite leituras alternativas e adquire um significado subjectivo de "destino inescapável" com o qual são construídas proactivamente todas as situações.

Concluindo, não só foi possível elaborar uma narrativa protótipo da depressão que nos parece revelar grande coerência, como os elementos que compõem o seu conteúdo estão de acordo com os modelos teóricos de depressão de um modo que dá sentido às contribuições várias que constituem as preocupações de diversos autores. Mas, apesar desta constatação, não podemos esquecer que este estudo não abrange a potencialidade do estudo da depressão num quadro teórico na psicologia narrativa uma vez que, embora tenha permitido a elaboração da narrativa protótipo da depressão, outros aspectos que têm sido relacionados com a organização narrativa não foram contemplados.

Por exemplo, Russel e Van den Broek (1992) propõem que o esquema narrativo é composto por três dimensões: a ligação estrutural entre os elementos que constituem a narrativa, a representação da subjectividade e a complexidade linguística/cognitiva.

A estrutura da narrativa refere-se, neste modelo, aos acontecimentos que compõem a narrativa enquanto a ligação estrutural

determina o papel que cada um dos elementos tem na totalidade. Russel e Van den Broek (1992) consideram os sete elementos da gramática narrativa de Mandler (1984) um dos exemplos de composição da narrativa a este nível, enquanto as relações temporais, causais, coreferenciais (e.g. *ele* e *João* referem-se à mesma personagem) e proposicionais se referem aos tipos de ligações que podem existir entre os elementos.

A representação da subjectividade é uma dimensão muito importante nas narrativas, uma vez que "os acontecimentos concretos adquirem significado em relação às motivações e atitudes, isto é, em relação à subjectividade" (Russel & Van den Broek, 1992, p. 346).

Finalmente, a complexidade linguística/cognitiva refere-se ao grau de elaboração da totalidade da narrativa.

Por seu lado, Gonçalves, Korman e Angus (no prelo) sugerem que as dimensões da matriz narrativa são a estrutura, o processo e o conteúdo.

O estudo aqui apresentado não tem intenção de estudar o modo como os diferentes aspectos da narrativa se ligam para formar um sentido pessoal de identidade (que caracterizam a estrutura), nem avaliam a riqueza, qualidade ou variedade dos estilos narrativos (que caracterizam o processo). Atendendo aos nossos objectivos e ao modelo que seguíamos baseado na gramática narrativa para pequenas histórias (Mandler, 1984), conduzimos a nossa interacção com os sujeitos de modo a obter a informação previamente definida como relevante. A utilização de uma entrevista estruturada permite apenas concluir sobre os conteúdos da narrativa, revelando, tal como supúnhamos, a possibilidade de encontrar categorias que emergem e permitem a construção de uma história protótipo.